

# Dalva Gasparian e a Livraria Argumento:

## Imigração, Política, Gênero, e Cultura no Rio de Janeiro

Dalva Gasparian and the Argumento Bookstore: Immigration, Politics, Gender, and Culture in Rio de Janeiro

Monique Sochaczewski

Doutora em História, Política e Bens Culturais pelo CPDOC/FGV e Professora Permanente do Mestrado em Ciência Política e Relações Internacionais do Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa (IDP), além de integrante do Grupo de Pesquisa “Mulheres e Democracia”.

[monique.goldfeld@idp.edu.br](mailto:monique.goldfeld@idp.edu.br)

---

**RESUMO:** O artigo apresenta um esboço biográfico de Dalva Gasparian (1931-2017), paulistana filha de imigrantes europeus, que teve larga atuação no Rio de Janeiro, sobretudo através da Livraria Argumento, que criou no bairro do Leblon, em 1979. Dedicase atenção ao ambiente político do Brasil dos anos 1960 e 1970, a fim de apresentar os muitos negócios dos Gasparian no âmbito da informação e da cultura e assim entender onde se encaixa a abertura da livraria, bem como o período em que passaram exilados em Londres durante a ditadura civil-militar. E por fim, faz-se um histórico do papel cultural da livraria no Rio de Janeiro nas últimas quatro décadas, bem como seu perfil internacional, posto que se popularizou em novelas da Rede Globo e no filme vencedor do Oscar, “Ainda Estou Aqui”.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mulheres; Livrarias; Rio de Janeiro.

**ABSTRACT:** This article presents a biographical sketch of Dalva Gasparian (1931–2017), a São Paulo native and daughter of European immigrants. She played a prominent role in Rio de Janeiro's cultural scene, especially through the Argumento Bookstore, which she founded in the Leblon neighborhood in 1979. Special attention is given to the political environment of Brazil during the 1960s and 1970s, in order to contextualize the many businesses the Gasparian family engaged in within the fields of information and culture. It helps to explain the circumstances that led to the opening of the bookstore, as well as the period they spent in exile in London during the Brazilian civil-military dictatorship. Finally, the article traces the cultural significance of the bookstore in Rio de Janeiro over the past four decades, highlighting its international profile, which grew as it became popularized in Rede Globo soap operas, and in the Oscar-winning film *I'm Still Here*.

**KEYWORDS:** Women; Bookstores; Rio de Janeiro.



A Dalva Catarina Funaro nasceu em São Paulo em 1931 em uma família de imigrantes, parte italiana e parte iugoslava, mais especificamente croata. Em 1964, já casada e usando o sobrenome Gasparian, mudou-se com a família para o Rio de Janeiro, que embora não fosse mais a capital do Brasil, ainda congregava importantes instituições com as quais trabalhava seu marido industrial, Fernando Gasparian. Foi a partir do Rio que a família, composta ainda de quatro filhos, partiu para exílio em Londres na época do regime civil-militar. E foi no Rio que Dalva se formou em Sociologia, e criou o braço mais importante da Livraria Argumento, ainda em atividade no Leblon, na Zona Sul da cidade.

O intuito deste artigo é contar parte da trajetória dessa mulher empreendedora das letras, conectando-a com o contexto dos 460 anos da cidade, celebrados neste ano de 2025. O Rio de Janeiro não é mais a capital do Brasil há 65 anos, mas ainda retém caráter cultural e literário, celebrados em particular com o título de capital mundial do livro pela Unesco em 2025. O Rio é a 25<sup>a</sup> cidade a contar com esse título, sendo a quarta da América Latina<sup>i</sup>, mas a primeira em língua portuguesa. Desde a perda do papel político para Brasília, e econômico para São Paulo, a cidade resiste como capital cultural do Brasil, e justamente por isso o prefeito Eduardo Paes clama para que seja reconhecida como “capital honorária” do país<sup>ii</sup>.

O Rio de Janeiro não é mais a capital, mas ainda conta com o Real Gabinete Português de Leitura, a sede da Biblioteca Nacional, algumas bibliotecas parques inspiradas em modelo colombiano como a da Avenida Presidente Vargas, e a Biblioteca do Itamaraty, atualmente em fase de restauração e ações de conservação de seu acervo. A cidade contou no século XIX com livrarias icônicas como a Garnier, na Rua do Ouvidor, celebrada em obras como de Machado de Assis. No século XX, a Livraria Leonardo da Vinci, criada em 1952 pelo casal formado pela italiana Giovanna Piraccini – a dona Vanna – e pelo romeno Andrei Duchiade ocupou lugar importante no

coração de Carlos Drummond de Andrade, que a ela dedicou alguns escritos no jornal *Correio da Manhã* e o belo poema “Livraria”.

Já são amplos os estudos sobre livro, leitura e acervos no mundo e no Brasil. Alberto Manguel (1997), Jorge Carrión (2018), e Martin Puchner (2019) são alguns dos autores que se debruçam em termos mais globais sobre a história e atualidade da escrita e da leitura. No que diz respeito aos estudos sobre a história do livro e de sua inserção na sociedade brasileira em geral, e carioca em particular, vale ressaltar o livro *Uma vida entre livros* (1997) do empresário e bibliófilo José Mindlin. O paulistano Mindlin compartilha ali com o público suas memórias e a história e aquisição de sua biblioteca, seus hábitos de leitura, bem como a peculiaridade de ter que lidar com a demorada burocracia brasileira, quando o Rio era capital em particular, que o fazia sempre ter um livro a mão para ler nos muitos tempos de espera.

Tania Bessone (1999) trouxe o olhar mais acadêmico, por sua vez, ao estudar o livro e sua inserção na sociedade carioca entre 1870 e 1920 e em particular sua importância na formação de bibliotecas particulares. A historiadora trata da transição da cidade na virada do século XIX para o XX em que as livrarias ficavam basicamente no Centro da cidade, na grande maioria pertenciam a livreiros de origem francesa, e que se tornavam locais de convívio e sociabilidade dos leitores:

o hábito de frequentar livrarias incorporou-se ao cotidiano dos segmentos mais instruídos da sociedade, contribuindo para a formação de núcleos de sociabilidade em torno de debates sobre questões de interesse político ou temas corriqueiros, que muitas vezes prosseguiam nos serões noturnos ou saraus, sobretudo na segunda metade do século. A frequência constante a esses estabelecimentos comerciais fez crescer os laços de

relacionamento social entre os que tinham identidades de interesse. (Bessone, 1999, p. 85)

No que diz respeito a história das livrarias, em particular aquelas criadas por imigrantes e por mulheres, porém, muito parece ainda dever e poder ser feito em termos de pesquisa. Aníbal Bragança (1999), ele próprio um livreiro, além de acadêmico, escreveu obra importante sobre a Livraria Ideal, fundada em 1946 pelo imigrante italiano Silvestre Mônaco. Relatou na obra a história de como um engraxate, apontador de jogo do bicho, vendedor de revistas usadas e literatura de cordel tornou-se importante livreiro em Niterói. A série documental *Canto dos Exilados*, produzida e dirigida por Leonardo Dourado (2012) exibiu um episódio sobre os refugiados oriundos da Europa que construíram importantes livrarias no Brasil como a Livraria Cultura, criada em São Paulo pela refugiada judia alemã Eva Herz a partir de uma “biblioteca circulante” particular, que era originalmente uma locadora de livros alemães. A Livraria Kosmos ali também retratada foi criada em 1936 pelos imigrantes de fala alemã Erich Eichner e Norbert Geyerhahn na Rua do Rosário no Rio, e depois com filial em São Paulo, se tornou um ponto de encontro de intelectuais como Otto Maria Carpeaux e de políticos como Carlos Lacerda, e ajudou a criar uma geração de bibliófilos.

O artigo em questão segue o método histórico, buscando traçar uma espécie de interseção entre história dos livros, história das mulheres, história dos imigrantes, história de empreendedorismo e história da ditadura, a partir do Rio de Janeiro. Ele se baseia em particular em entrevista temática de História Oral concedida à autora por um dos filhos de Dalva, Marcus Gasparian, bem como no uso de entrevistas realizadas no âmbito de outros projetos como aquele concedido por Maria Hermínia de Almeida ao CPDOC da FGV, e por Manoel Carlos, ao Memória Globo. A pesquisa também se baseou em notícias de periódicos digitalizados sob guarda da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, mais especificamente *Jornal do Brasil*, *Correio da Manhã* e *Jornal do Commercio*.

Temos aqui, pois, uma biografia que por um lado busca lançar luz para mais uma mulher que merece que se ressalte seus feitos, posto que criou uma instituição que resiste enquanto muitas inauguradas na mesma época fecharam<sup>iii</sup>. E que por outro lado ajuda a compor melhor um coletivo de mulheres brasileiras que, sobretudo a partir dos anos 1970, o que comumente é chamado no Ocidente de segunda onda do feminismo, deixou marcas importantes nas ciências, nas artes e na cultura brasileiras. Há um quê de biografia particular e coletiva, portanto lançando uso de lupa e de binóculo na busca por repovoar o passado (Neto, 2022).

O texto divide-se em três partes. Na primeira delas esboça-se uma biografia de Dalva Gasparian; na segunda o foco é na inauguração e anos da Livraria Argumento tendo dona Dalva e três dos seus quatro filhos à frente; e a terceira parte, por fim, trata do impacto da livraria em obras audiovisuais e a atualidade dela.

### **De Funaro a Gasparian**

Paschoal Funaro foi um imigrante italiano de Catanzaro, na Calábria, que teria chegado ao Brasil por volta dos anos 1890, segundo memórias familiares. Ele se estabeleceu em São Paulo e ali começou a trabalhar com “secos e molhados”. Abriu uma mercearia no bairro de Pinheiros, tendo o negócio na parte de baixo e a família residindo na parte de cima. Casou-se com Helena Kraljevic, que era iugoslava da Croácia, e tiveram dois filhos, Dalva, nascida em 1931, e Dilson, nascido em 1933. Dalva era mais velha e tinha excelente relação com o irmão que estudaria engenharia na Mackenzie, se tornaria empresário, e mais tarde secretário de finanças de São Paulo, presidente do BNDES (na época BNDE), e ministro da Fazenda.

A família residiu muitos anos em Pinheiros, mas com o tempo Paschoal melhorou de vida e a família se mudou para a Avenida Brasil, no Jardim

Paulista. Anos mais tarde, Dalva daria depoimento sobre o irmão Dilson dizendo que eram filhos de “imigrantes pobres italianos que construíram uma fortuna com muito trabalho, muita disciplina e aplicação de princípios morais hoje considerados completamente caretas”<sup>iv</sup>. Dalva estudou o então chamado “jardim de infância” no Colégio Elvira Brandão e ali fizera amizade com Flávia, uma das irmãs de Fernando Gasparian, com quem acabaria se casando depois dos estudos no tradicional colégio feminino Des Oiseaux. Os Gasparian também eram filhos de imigrantes, mas de pai armênio com mãe portuguesa. Dalva era profundamente católica e Fernando ateu. Ela chegou a iniciar uma faculdade e tocava piano tão bem que um professor a teria selecionado para seguir os estudos de piano clássico. Dalva largou tudo, porém, para se casar com Fernando, industrial do ramo têxtil, como não era raro para as mulheres de então. Ele era profundamente politizado e entendido por muitos como esquerdista, mas a verdade é que era mais complexo, sendo um grande admirador dos EUA, onde passara uma temporada em 1948, quando tinha 18 anos, e voltara fascinado<sup>v</sup>.

Dalva casou-se com Fernando Gasparian em 1953, um ano depois de ele ter se formado em Engenharia pela Universidade Mackenzie, e já com experiência política no movimento estudantil e na campanha do “Petróleo é nosso”<sup>vi</sup>. Os quatro filhos nasceram na capital paulista, sendo Helena Maria a mais velha, nascida em 1954. Laura Maria nasceu em 1955, Eduardo Fernando em 1959 e o caçula, Marcus Fernando, em 1960. Em 1964, justamente no contexto do golpe militar, se mudaram de São Paulo para o Rio, porque Fernando tinha comprado com os sócios Francisco Filleppo e Fuad Mattar a companhia América Fabril, tradicional empresa têxtil fluminense em meio à crise financeira dela.

O Rio tinha deixado de ser capital em 1960, mas instituições como o Banco Central e o Banco do Brasil ainda ficavam na cidade, e era na mesma que ainda se faziam muitos negócios. Marcus se lembra que a casa em que viviam em São Paulo, no Jardim América, tinha sido metralhada e talvez

esse tenha sido também um empurrão para mudança da família de cidade<sup>vii</sup>. A família parece ter se inserido rapidamente na sociedade carioca, com Dalva sendo citada como parte da diretoria carioca da Pró-Matre em 1965<sup>viii</sup>, oferecendo sua casa para chá preparatório para *réveillon* de 1966 no Museu de Arte Moderna<sup>ix</sup>, e muitas vezes tendo sua vestimenta elegante elogiada em colunas sociais<sup>x</sup>.

No Rio, foram morar inicialmente na Avenida Atlântica, em Copacabana, e rapidamente criaram uma rede de relações. A família Paiva, composta pelo casal Rubens e Eunice, e pelos filhos Vera, Eliana, Ana Lúcia, Marcelo e Maria Beatriz, mudou-se também de São Paulo meses depois dos amigos próximos, e ambas as famílias viveriam vida entrelaçada num Rio de Janeiro que apesar de já haver a ditadura estonteava pelas belezas naturais, a bossa nova, e o ambiente cultural. Marcelo Rubens Paiva, melhor amigo de Eduardo Fernando Gasparian, lembra que “a vida no Rio, diferente de São Paulo, era na rua e na praia. Empinando pipa e jogando bolas de gude nos canteiros de terra do Leblon” (Paiva, 2015, p. 67). Além de uma vida que incluía idas à praia quase que diárias, assistir jogos no Maracanã e festivais da canção, não raro as famílias faziam passeio conjuntamente para Paquetá, Prainha, Igreja da Penha, Niterói, Floresta da Tijuca e mesmo Búzios<sup>xi</sup>.

Apesar de ser mais afeita a ficar em casa, a vida de Dalva no Rio com Fernando era uma profusão de eventos e jantares fora. Essas saídas eram parte da importância de se viver no Rio daquela época porque sempre se encontrava autoridades, ou possíveis parceiros de negócios ou políticos. Dalva parecia já se inserir em parte dos negócios do marido, porém. O *Jornal do Brasil* indicava em 1966 que ela se entusiasmava em assumir a direção da Editora Saga pertencente a Fernando, mas buscando antes fazer um estágio com Danda Prado na Editora Brasiliense<sup>xii</sup>.

Em 1970 “a ditadura apertou” (Paiva, 2015, p. 70) e Fernando e Dalva entenderam que era tempo de seguirem para o exílio. Fernando queria ir

inicialmente para Nova York, mas Dalva insistiu em Londres e para a Inglaterra se foram com Fernando passando a atuar em universidades como Sussex<sup>xiii</sup> e Oxford, onde lecionou economia latino-americana<sup>xiv</sup>. O caçula Marcus se recorda que apesar de ser exílio e tempos difíceis, Dalva parecia feliz porque tinha uma certa rotina e a família sempre estava junto naqueles dois anos de 1970 a 1971 vividos na Inglaterra. Vera Paiva, a Veroca, estava justamente passando férias com os Gasparian em Londres em janeiro de 1971 quando seu pai, sua mãe, e sua irmã Eliana foram presos (Paiva, 2015, p. 152). O irônico, segundo Marcus, era que ela tinha levado uma carta de Rubens para “Gaspa”, como seu pai era chamado pelos Paiva, dizendo que as coisas no Brasil estavam melhores, mas na verdade ele foi levado pelos militares em 20 de janeiro de 1971, e nunca mais voltou<sup>xv</sup>.

A maioria dos exilados brasileiros e amigos dos Gasparian moravam em Paris, como Luciano Martins e Fernando Henrique Cardoso, mas eles tiveram contato em Londres com os cantores Gilberto Gil e Caetano Veloso. Na capital britânica viviam em especial estudantes, mas havia também diplomatas brasileiros com quem travaram contato como Sérgio Correia da Costa, Rubens Barbosa e Zoza Médici. Estavam lá quando da vitória brasileira na Copa do Mundo de 1970 e comemoraram na embaixada.

## A Livraria Argumento

A Livraria Argumento foi oficialmente inaugurada no Leblon em junho de 1979. Marcus conta que quando a família voltou do exílio, foi morar naquele bairro<sup>xvi</sup>. É preciso entender a livraria, porém, em contexto mais amplo de atividades editoriais e de imprensa de Fernando Gasparian por um lado, e de um projeto pessoal de Dalva por outro. No que diz respeito a Fernando Gasparian, é importante ter em mente que ele foi obrigado a renunciar a sua atuação como industrial, sendo forçado a sair da América Fabril por Delfim Neto. Ainda no exílio em Londres, portanto, decidiu que

resistiria à ditadura através da cultura e da informação pensando assim “na possibilidade de lançar um jornal quando regressasse ao Brasil, chegando a fazer alguns contatos jornalísticos nesse sentido”<sup>xvii</sup>.

De volta ao Brasil ainda sob o governo Médici, Gasparian sentiu seu projeto jornalístico crescer em importância. Foi assim que dirigiu o semanário político e cultural *Opinião*, entre 1972 e 1977 inicialmente tendo como editor Raimundo Pereira e depois Argemiro Ferrera; que comprou a editora *Paz e Terra* de Énio Silveira, em 1975<sup>xviii</sup>; e no meio do caminho, em 1973, lançou a *Revista Argumento*, para debater temas políticos, econômicos e artísticos.

A cientista política Maria Hermínia Tavares de Almeida participou da *Revista Argumento*, acompanhando todo o processo de construção e revisando os textos. Em seu depoimento ao CPDOC, em 2015, ressaltou que a revista só contou com três números, pois quando se preparava o quarto, a censura a inviabilizou. Era uma revista de artigos que contava com figuras de peso em seu corpo editorial, como Fernando Henrique Cardoso, Antônio Cândido, Paulo Emílio Salles Gomes, e Celso Furtado. Maria Hermínia lembra que “como a revista era uma revista de artigos de autores, era impossível fazer o que os jornais faziam que era negociar os cortes etc., então se resolveu não editá-la mais” (Almeida, 2015, p. 44). As três edições que saíram tiveram um êxito enorme, vendendo cerca de 30.000 cópias.

Foi um projeto bem bonito e eu adorava participar. [Nos encontrávamos] na casa do Antônio Cândido, eles ficavam contando histórias, o Antônio Cândido e o Paulo Emílio contavam histórias do tempo da revista Clima – eles estavam no fundo revivendo a mesma situação. Então, ainda que tenha sido um período muito curto de tempo, foi uma experiência muito importante para mim. E estava na chave de criar um espaço de debate político, cultural, no período da ditadura. Então acho que foi uma

iniciativa importante, uma das muitas que o Gasparian teve; primeiro foi o *Opinião*, depois Argumento, depois ele criou, quando fechou o Argumento, ele criou uma coisa que chamava *Cadernos de Opinião*, que tinha uma pretensão mais modesta, mas também era isso, editava bons autores. (Almeida, 2015, p. 44)

Na avaliação de Maria Hermínia, relendo os textos publicados então, a razão de haver censura tinha menos a ver com o conteúdo publicado, e mais com as pessoas envolvidas, em especial Fernando Gasparian.

E eu acho que o governo militar não gostava nada do Gasparian. O Gasparian era a grande figura por trás desses empreendimentos, vamos dizer assim, para criar um espaço de debate naquelas circunstâncias, e como ele era muito bem relacionado, ele tinha um círculo de amigos, de colaboradores muito significativo. (Almeida, 2015, p. 45)

Ao encerrá-la, Fernando Gasparian ficou com o nome e o logotipo da Argumento, porém. E ele compraria e atuaria na *Paz e Terra*, editando muitos livros, mas com dificuldades em vendê-los nas principais livrarias do país dos então duros anos da ditadura civil-militar. Foi pensando um espaço para vender as publicações que editava que o motivou a propor para a esposa Dalva, então estudando Sociologia na PUC-Rio, que montassem uma livraria. Ela na hora se entusiasmou e passou a buscar ponto para a livraria, mas Fernando acabou indo mais rápido e abriu uma livraria em São Paulo, na rua Oscar Freire, 608.

A família vivia no Rio, mas mantinha apartamento em São Paulo, e Fernando Gasparian ia quase toda semana para sua cidade natal para resolver alguma questão política do MDB. E entre a ideia e a inauguração da livraria paulista, levaram quatro meses com a loja aberta ali em maio de

1979. Dalva ficou muito chateada não só pelas negociações terem se dado sem ela, como por Fernando ter avisado que quem administraria a livraria paulista seria sua irmã. Ela decidiu, porém, seguir procurando ponto no Rio e achou um na rua Dias Ferreira, 199, no Leblon, que na época não tinha nenhum chamariz além do tradicional restaurante La Mole. Não foram poucos os amigos que recomendavam que abrisse o negócio na Avenida Ataulfo de Paiva, vaticinando que a livraria teria curta vida em rua sem movimento<sup>xix</sup>. Dalva seguiu adiante, porém, e abriu a livraria apostando em vendedores que eram estudantes universitários, e buscando fazer noites de autógrafos mensais. A coluna “Livros e Autores” do *Jornal do Brasil* de 27 de outubro de 1979 detalhava ainda que:

Em seu estoque, grande parte dos livros nacionais e da área de ciências sociais, não faltando, porém, os de ficção. Dos estrangeiros, a linha completa da Penguin Books, além de vários de arte franceses e ingleses. Os livros que não são encontrados podem ser encomendados, serviço que Dalva Gasparian vê crescer dia a dia<sup>xx</sup>.

Vale ter em mente que, entre 1972 e 1979, Dalva fez a graduação em Sociologia na PUC-Rio, sendo recém-formada, portanto, ao abrir a livraria. Ela prestou vestibular no mesmo ano que sua filha Laura e chegou a cursar disciplina com a filha Helena, que estudava História. Parecia não ser incomum então mulheres casadas e com filhos da elite fazerem finalmente suas graduações ou segundas graduações. Esse foi o caso conhecido de Eunice Paiva ao se formar em Direito já tendo diploma em Letras (Paiva, 2015, p. 47), mas foi também de Branca Moreira Alves<sup>xxi</sup>. Essa última começou o curso de História na Universidade Santa Úrsula, no Brasil, mas o concluiu em Berkeley, nos Estados Unidos, onde fora acompanhar o marido que fazia mestrado e travou contato com o feminismo. Ao retornar para o Rio, Branca criou grupo de estudos sobre mulheres no mesmo Departamento de Sociologia da PUC em que estudava Dalva, que contaria ainda com pesquisadoras como Jacqueline Pitanguy<sup>xxii</sup>.

Em junho de 1979, a Livraria Argumento foi então aberta no Leblon, tendo à frente Dalva Gasparian, focada em criar um “espaço para livros, ideias e aconchego” nos moldes do que vira na Inglaterra no período do exílio. Anos mais tarde explicaria: “Sempre gostei de livros e queria abrir no Rio uma livraria refinada e charmosa. Chamei colegas da faculdade e meus filhos para trabalharem comigo”<sup>xxiii</sup>. De fato, seus filhos Eduardo e Marcus, uma colega da PUC conhecida como Caruca, além de um livreiro chamado Celso compuseram o núcleo inicial. Marcus se recorda que o livreiro em questão tinha um conhecimento enciclopédico de autores, editoras e afins, e em uma época em que não se usava tão largamente computador, essa habilidade se mostrava fundamental<sup>xxiv</sup>.

Já na virada de 1979 para o início dos anos 1980 os jornais noticiavam em profusão lançamentos de livros na Livraria Argumento, não raro da editora *Paz e Terra*, conforme o projeto original. Márcio Moreira Alves, Miguel Arraes, Celso Furtado, José Joffilly, Ferreira Gullar, Antônio Houaiss, Shepard Forman, José Guilherme Merquior, Eurico de Lima Figueiredo e Celso Lafer foram alguns dos primeiros a realizar noites de autógrafos na livraria do “Baixo Leblon”.

Impressiona, porém, que desde o início, em 1980, havia muitos lançamentos de obras escritas ou editadas por mulheres como *Mestre Graciliano, confirmação humana de uma obra*, escrito pela filha de Graciliano Ramos, Clara Ramos, e *Memórias das Mulheres do Exílio*, organizado por Maria Teresa Morais e Albertina Oliveira Costa<sup>xxv</sup>. Em 1981 Suzana Pravaz lançou seu livro *Três estilos de mulher* e ali também teve noite de autógrafos para *Viver e escrever*, organizado por Edla van Steen<sup>xxvi</sup>; *Perspectivas antropológicas da mulher* com vários ensaios de Bruna Franchetto, Maria Laura Cavalcanti, Maria Luiza Heilborn e Tania Salem; *A UDN e o Udenismo* de Maria Victoria de Mesquita e Benevides<sup>xxvii</sup>. Em 1982 foi a vez de *Mulher*, de Yonne Gianelli Fonseca, *Voto e Máquina Política*, de Eli Diniz, *Geo-Política da Amazônia*, de Bertha Becker<sup>xxviii</sup>.

Dalva e sua equipe sempre deixavam claro para os clientes que estavam se iniciando no meio, mas que estavam bastante empenhados em dar o seu melhor. A sinceridade contou com compreensão dos clientes iniciais mesmo com alguns enganos e percalços, e aos poucos Dalva foi se sentindo mais confiante no negócio, criando clientela fiel e assídua. Marcus se afastou para estudar Direito e Administração de Empresas na PUC-Rio e atuou em outras áreas e mesmo morou em São Paulo, só retornando à livraria em 1992. Dalva liderava ainda a Argumento de São Paulo, na rua Oscar Freire e ainda comprou uma livraria em um segundo endereço em São Paulo, na Praça Vilaboim. Chamava-se originalmente Livre, mas passou a ser denominada Argumento Livre. A empreitada passava a se dar nas duas cidades e com a família se revezando entre elas<sup>xxix</sup>.

Voltando ao que noticiavam os jornais, a Livraria Argumento aparecia em suas páginas com recomendações de livros para serem presenteados no Natal (de receita, de decoração e infantis) participava da série de livrarias que indicavam os livros mais vendidos; e além de lançamentos de livros, fazia também de números de revistas como *Cadernos Rioarte*, editada pelo Instituto Municipal de Arte e Cultura<sup>xxx</sup> e a *Novos Estudos CEBRAP* para onde justamente tinha ido trabalhar Maria Hermínia Tavares de Almeida (2015, p. 46) por ter tido experiência na *Revista Argumento*.

Em 1993, a Livraria Argumento mudou-se em duas quadras, passando a ocupar o imóvel que ainda ocupa, na Rua Dias Ferreira, 417<sup>xxxii</sup>. O espaço era anunciado como cinco vezes maior e depois foi inaugurado também o Café Severino, o horário de funcionamento se estendia até a madrugada, além de haver “plantão aos domingos”. E com o novo espaço, além de seguir com muitos lançamentos de livros de autores como o rabino Nilton Bonder, Fernando Gabeira, Maria da Conceição Tavares, Helena Besserman Vianna, Ana Arruda Callado e Rubem César Fernandes, entre tantos, não raro havia palestras, exposições (de cerâmica, fotografias, gravuras e desenhos), saraus literários, encenações, lançamentos com degustações no Café, recitais de poesia com figuras como Elisa Lucinda e

mesmo lançamentos com música, como foi o caso de Ricardo Cravo Alvim tendo levado uma escola de samba para a frente do estabelecimento.

Em junho de 1996 o *Jornal do Brasil* fazia matéria indicando novos usos da Livraria Argumento. Um senhor que perdera seus livros e discos em um incêndio, decidira fazer um “chá de cultura” buscando remontar seu acervo “com a ajuda dos amigos, colocando uma lista de seus títulos prediletos na loja”. Uma educadora artística, por sua vez, decidiu colocar na livraria uma lista de casamento com sugestão de livros a serem dados de presente pelas bodas, sobretudo de arte e culinária<sup>xxxii</sup>. Alguns meses depois, era anunciado um casamento no Café Severino, nos fundos da livraria, entre um arquiteto e sua noiva que “resolveram se unir em matrimônio no meio das letras”<sup>xxxiii</sup>. Em 1998 os familiares do editor Jorge Zahar comunicavam que seria feita na editora a missa de sétimo dia do mesmo: “preferimos estar junto a seus amigos ao estilo Jorge Zahar, cercados de livros”<sup>xxxiv</sup>. Em 2002 era a vez de se anunciar uma inovação trazida por Marcus Gasparian de viagem à Praga, o “café do próximo”, em que o cliente tomava o seu café e pagava um para um próximo que o quisesse e não tivesse recursos.

Em termos internacionais, a livraria anunciava que vendia revistas estrangeiras como a *New York Review of Books* e *New Left Review*; por vezes fazia lançamento de autores estrangeiros como o brasilianista Thomas Skidmore<sup>xxxv</sup>; e muitas vezes fazia lançamentos de obras escritas por diplomatas como *Diplomacia Brasileira* do então ministro das Relações Exteriores, Luís Felipe Lampreia<sup>xxxvi</sup>, *Comércio, desarmamento e direitos humanos*, do ex-chanceler Celso Lafer<sup>xxxvii</sup> e *Diplomacia – Um legado de Afonso Arinos* pelo diplomata e membro da Academia Brasileira de Letras Afonso Arinos<sup>xxxviii</sup>. Vale ressaltar que a família Gasparian não só mantinha relações antigas e próximas com muitos expoentes da diplomacia brasileira como Helena, a filha mais velha, se tornaria ela própria diplomata.

Fernando Gasparian seguiu na política, sendo um dos fundadores do PMDB carioca, atuando por um tempo como secretário de Relações Internacionais do Diretório Nacional do partido, e mesmo sendo deputado constituinte (1987-1991)<sup>xxxix</sup>. Assim, entre meado dos anos 1980 e 2002, Dalva e Fernando voltaram a viver principalmente em São Paulo, onde Dalva atuava nas lojas paulistas, enquanto três de seus filhos assumiram a frente na livraria do Leblon e mesmo abrindo uma nova filial no *shopping center* Rio Design Center da Barra. Nesse período, Dalva era citada por vezes em jornais oferecendo almoços ou jantares, sendo um deles na campanha presidencial de Tancredo Neves, em 1984<sup>xl</sup>, ou sendo convidada para eles também em Brasília, onde Fernando atuava como político, e mesmo ajudando a amiga Ruth Cardoso na campanha presidencial do também amigo Fernando Henrique Cardoso.

Fernando Gasparian faleceu em 7 de outubro de 2006, aos setenta e seis anos de idade. Dalva acabou fechando as duas livrarias de São Paulo e focou somente na Argumento do Rio, onde atuou até sua morte aos 86 anos, em maio de 2017. Por um tempo, sua amiga Eunice Paiva tinha se mudado para o Leblon e ela costumava visitar Dalva na livraria e por vezes saíam para almoçar juntas. Marcelo Rubens Paiva (2015, p. 234) indica ter sido justamente o funeral de “Gaspa”, em 2006, como sendo a última vez que sua mãe esteve entre amigos, “que rendeu homenagem ao passado, à memória, à vida”, antes de submergir no Alzheimer e ser levada pelos filhos de volta para São Paulo onde viveria o resto de seus dias. Dalva seguiu no Rio e na livraria cuidando do caixa, e mesmo quando com demência acelerada, não errava nos cálculos, o que muito impressionava sua família.

### A livraria, o audiovisual, e o mundo

O autor de novelas Manoel Carlos não só “batia ponto” todo dia no Café Severino, nos fundos da Livraria Argumento, como por vezes tinha festeiros seus ali, como foi o caso de seu aniversário de 68 anos celebrado com parte

do elenco da novela *Laços de Família*. Tony Ramos, Carolina Dieckmann, Deborah Secco e mesmo as Fernandas, Montenegro e Torres, estavam entre os convidados<sup>xli</sup>.

A novela *Laços de Família* foi ar no horário nobre da Rede Globo em 2000, teve o Leblon como pano de fundo, e Tony Ramos como intérprete de Miguel, que justamente era dono de uma livraria chamada “Dom Casmurro”. A Livraria Argumento serviu como locação inicialmente para as cenas ambientadas na livraria da trama, mas depois foi construído no Projac um cenário idêntico a esta “com mais de quatro mil livros emprestados por editoras, e um busto do escritor Machado de Assis”<sup>xlii</sup>. A novela fez muito sucesso no Brasil e foi exportada para mais de oitenta países, sendo a décima novela da Globo mais vendida mundo a fora<sup>xliii</sup>. Portugal, Argentina, Angola, Estados Unidos e África do Sul eram os países que comumente compravam nossas novelas, sendo provavelmente dos primeiros a consumir a novela passada no Leblon.

Maneco, como Manoel Carlos é conhecido, é também um paulistano apaixonado pelo Rio, como os Gasparian<sup>xliv</sup>, em particular o Leblon onde se instalou também nos anos 1970. Ele contou em depoimento ao projeto Memória Globo que todo dia andava pelo bairro conversando com todo mundo - de atendentes de bancas de jornais e sorveteria aos frequentadores da livraria - para saber o que estavam achando de suas novelas. Interessante que o famoso autor frequentador assíduo da livraria não tenha nem formação primária completa<sup>xlv</sup>, e que criaria uma obra fortemente calcada em mulheres fortes, boa parte delas com protagonistas portadoras do nome Helena, como a filha mais velha de Dalva. A novela *Em Família* seria justamente vendida no exterior com os títulos de *Helena's shadow*, em inglês, e *La sombra de Helena*, em espanhol.

Em 14 de dezembro de 1982, Marcelo Rubens Paiva lançou seu primeiro livro *Feliz Ano Velho*, que retrata o acidente que deixou tetraplégico, na Livraria Argumento dos amigos Gasparian<sup>xlii</sup>. Nos anos subsequentes se

tornaria um dos escritores, dramaturgos e roteiristas mais importantes do Brasil, publicando uma profusão de livros. Em 2015, porém, publicaria *Ainda Estou Aqui*, sobre sua mãe, Eunice Paiva, que vivia então em estado avançado de Alzheimer, vindo a falecer em 2018. O livro serviu de base para o filme de mesmo nome lançado globalmente em 2024 e vencedor do Oscar de Melhor Filme Estrangeiro em 2025, além de angariar inúmeros importantes prêmios, em particular o de Melhor Roteiro no Festival de Veneza e Globo de Ouro, de melhor atriz, para Fernanda Torres.

Em seu livro Marcelo Rubens Paiva cita inúmeras vezes os Gasparian, como já indicado em citações e referências ao longo deste artigo. No filme, porém, o diretor Walter Salles não só deu mais centralidade à relação entre os Paiva e os Gasparian, como permitiu uma licença poética. Ele incluiu uma cena de despedida dos Gasparian que partiam para o exílio em Londres em 1970 na Livraria Argumento no endereço atual no Leblon. Como já vimos aqui, a Livraria não só foi inaugurada somente em 1979, como inicialmente ficava em outro número da Rua Dias Ferreira.

O filme que já foi visto por mais de 5 milhões de brasileiros<sup>xlvi</sup> e milhares de pessoas ao redor do mundo enquanto redijo estas linhas, traz na realidade uma centralidade às relações entre as famílias que perpassa toda a trama. Logo no início Helena Gasparian, a Heleninha, é retratada em carro com Veroca e amigos/namorados, quando são parados pela blitz que indicava a intransquilidade do regime com o sequestro do embaixador suíço pela ALN. A seguir há menções à Dalva e Fernando que insistiam para que os Paiva fossem para Londres com eles, mas uma vez não conseguindo convencer a todos, se oferecendo ao menos para receber Veroca lá. E a tal cena totalmente fictícia na livraria em que Dalva (interpretada por Maeve Jinkings) distribui livros de presente de despedida para os filhos de Eunice, entregando *O Diário de Anne Frank* para Eliana e exemplares da publicação *Opinião* para Eunice. Esse foi mais um caso de liberdade poética, pois sabemos que o semanário seria somente criado quando a família retornou do exílio na Inglaterra. E ainda no mesmo contexto, em conversa lateral,

Rubens dizia para “Gaspa”: “Vocês vão reabrir a livraria, a editora, tudo. Você vai ver”. Eunice entrega o casaco que lhe era querido por ter ganho na lua-de-mel em Bariloche para Veroca levar, e reforçava: “Juízo lá. A Dalva já vai estar cheia de preocupação na cabeça”. Justamente por estar em Londres que Veroca, então com 17 anos, não foi levada para a prisão junto com sua mãe, mas sim sua irmã imediatamente mais nova, Eliana, de 15 anos. E justamente por estar lá que acessava as notícias na mídia e entre os demais exilados sobre o desaparecimento de seu pai, diferentemente de seus irmãos no Brasil que viam a realidade dura disfarçada pela mãe que tentava trazer algum grau de normalidade e lhes preservar a infância. Ao mandar carta de Londres questionando o paradeiro do pai, a mãe Eunice omitia as partes sensíveis quando da leitura para os demais filhos.

Aquele Rio de Janeiro ensolarado, alegre, e cheio de entre e sai entre as famílias, desapareceu com a ida dos Gasparian para Londres, o desaparecimento de Rubens Paiva nos calabouços da ditadura, e a ida consecutiva de Eunice Paiva para São Paulo com os filhos para se reconstruir. No filme, porém, a Livraria Argumento aparece como um símbolo de um Rio de Janeiro que também tinha a praia do Leblon e o famoso sorvete da Chaika. A emblemática Chaika, em Ipanema, cerrou as portas de fato em 2012, já a Argumento que não existia em 1970/1971 retratado no filme, resiste de verdade em 2025 ainda com lançamentos de livros, clube de leitura, eventos, contação de histórias infantis, mas também com cursos e aulas, uma delas sobre o filme. De título *Literatura e Direitos Humanos* e liderada pela pesquisadora Raquel Guerra, que justamente teve um encontro fortuito desses com o diretor Walter Salles, também amigo de infância dos Paiva, e frequentador assíduo do Café Severino.

## Considerações Finais

A Livraria Argumento é profundamente carioca, e leblonense em particular, mas ao mesmo internacional. Foi criada por uma família descendente de imigrantes – italiana, croata, armênia e portuguesa – e de migrantes paulistas no Rio, inspirados em livrarias britânicas que conheceram quando do exílio na época da ditadura, e ao mesmo tempo conectaram a livraria com o mundo. Por um lado, já nasceram vendendo obras dos catálogos da estadunidense Penguin Books e da mexicana Ciclo 21, bem como periódicos estrangeiros, e fazendo lançamentos dos grandes nomes da diplomacia brasileira. Por outro lado, obras ali inspiradas ou ali filmadas rodaram o mundo, desde as novelas de Manoel Carlos, como *Laços de Família*, das mais vendidas ao redor do mundo e *Viver a vida* que acalentaram o coração saudoso de Brasil da autora dessas linhas quando fazia seu doutorado sanduíche no exterior, até o filme *Ainda Estou Aqui*, vencedor do Oscar de Melhor Filme Estrangeiro em 2025.

Mal aberta a livraria no Rio de Janeiro em 1979, ela passaria imediatamente a aparecer quase que diariamente nos cadernos de cultura e de livros de jornais como *Correio da Manhã* e *Jornal do Brasil* e em praticamente todas as colunas sociais, e não raro também nas colunas políticas e econômicas. Seria local fixo de lançamento de livros dos amigos de sempre, como Celso Furtado, mas também de apoio a novos escritores, poetas, acadêmicos de diversas áreas, atores e mesmo músicos. Enfrentaria ao longo das décadas os impactos da política econômica sobre os preços dos livros e da inflação em geral, em particular nos anos 1980. E buscaria sempre formas criativas de se reinventar, seja frente à ameaça de megastores – que aliás acabaram colapsando –, da pandemia, e da internet. Essa última, sobretudo as livrarias digitais e não raro os próprios portais das editoras, segue como uma sombra ameaçadora para as livrarias do mundo todo e não é diferente com a Argumento, que resiste como pode ressaltando ter em sua raiz o trabalho árduo de uma mãe e seus filhos e de ser mais do que uma livraria, um centro cultural e mesmo de memória cariocas.

Nesse ano de 2025 em que o Rio capital é mundial do livro, com lema “o Rio continua lendo”, vale celebrar nesse contexto o papel dessa livraria criada por uma mulher e seus filhos de *backgrounds* imigrantes variados, mas que seguem fazendo o carioca em particular seguir lendo e celebrando o livro, a arte e a cultura. E, aproveitando o status de capital global da leitura, que se ampliem as políticas públicas para todas as etapas da cadeia produtiva do livro, melhorando o acesso a ele por todas as camadas sociais. Aprendemos com a história de empreendedorismo dos Gasparian, e como aponta a placa do “Círculo dos Negócios Tradicionais” ali colocada pela Prefeitura do Rio, sobre a importância da cultura como “resistência democrática”.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALMEIDA, Maria Hermínia Brandão Tavares de. **Maria Herminia Brandão Tavares de Almeida (depoimento, 2015)**. Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (4h 26min).

BESSONE, Tania Maria. **Palácios de Destinos Cruzados. Bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro (1870-1920)**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999.

BRAGANÇA, Aníbal. **Livraria Ideal: do cordel a bibliofilia**. Niterói: Edições Pasárgada, 1999.

CARRIÓN, Jorge Carrión. **Livrarias: Uma História da Leitura e de Leitores**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018.

MANGUEL, Alberto. **Uma História da Leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997

MINDLIN, José. **Uma vida entre livros**. São Paulo: EDUSP, 1997.

NETO, Lira. **A arte da biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

PAIVA, Marcelo Rubens. **Ainda Estou Aqui**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2015.

PUCHNER, Martin. **O mundo da escrita**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. **Moda e Revolução nos anos 1960**. Rio de Janeiro: Contracapa/Faperj, 2014.

## Notas

- <sup>i</sup> Bogotá contou com o título em 2007, Gasparian em 30 de setembro de 2024. Buenos Aires em 2011 e Guadalajara <sup>viii</sup> MARIA, Léa. Léa Maria. Grupo novo em 2022. dinâmico e jovem. **Jornal do Brasil**, Rio
- <sup>ii</sup> Prefeito vai pedir que Rio seja de Janeiro, 11 abr. 1965, ed. 0063, p. 3. reconhecido como capital honorária do Disponível em: Brasil. **G1**, 7 fev. 2025. Disponível em: [http://memoria.bn.gov.br/DocReader/03\\_0015\\_08/67066](http://memoria.bn.gov.br/DocReader/03_0015_08/67066). Acesso em: 20 mai. 2025. <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2025/02/07/prefeito-vai-pedir-que-rio-seja-reconhecido-como-capital-honoraria-do-brasil.ghtml>
- <sup>ix</sup> MARIA, Léa. Réveillon. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 01 dez 1966, ed. 0283, p. 3. Disponível em: [http://memoria.bn.gov.br/DocReader/03\\_0015\\_08/92866](http://memoria.bn.gov.br/DocReader/03_0015_08/92866). Acesso em: 20 mai. 2025.
- <sup>iii</sup> As livrarias Timbre e Malasartes, inauguradas também por mulheres, no <sup>x</sup> MARIA, Léa. No jantar requintado de mesmo ano em que a Argumento, em sábado. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 1979, fecharam, respectivamente, em 25 mai. 1965, ed. 00119, p. 3. Disponível 2021 e em 2024. [http://memoria.bn.gov.br/DocReader/03\\_0015\\_08/68954](http://memoria.bn.gov.br/DocReader/03_0015_08/68954) Acesso em: 20 mai. 2025.
- <sup>iv</sup> WAACK, William. Funaro cumpriu sua <sup>xii</sup> MARIA, Léa. De próprio punho, por promessa: mudou tudo. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 09 mar 1986, ed. Marcus Gasparian. **Veja Rio**, Rio de 0331, p. 24. Disponível em: Janeiro, 23 nov. 2024. Disponível em [http://memoria.bn.gov.br/DocReader/03\\_0015\\_10/163656](http://memoria.bn.gov.br/DocReader/03_0015_10/163656) Acesso em: 20 mai. [lacerda/de-proprio-punho-por-marcus-gasparian-livreiro/](https://vejario.abril.com.br/coluna/lacerda/de-proprio-punho-por-marcus-gasparian-livreiro/) Acesso em 22 de maio 2025.
- <sup>v</sup> Entrevista da autora com Marcus de 2025.
- Gasparian em 30 de setembro de 2024. <sup>xiii</sup> MARIA, Léa. Também na área do <sup>vi</sup> CENTRO DE PESQUISA E movimento editorial. **Jornal do Brasil**, DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA Rio de Janeiro, 22 set. 1966, 0198, p. 3. CONTEMPORÂNEA DO BRASIL. Disponível Fernando Gasparian (verbete). In: [http://memoria.bn.gov.br/DocReader/03\\_0015\\_08/88620](http://memoria.bn.gov.br/DocReader/03_0015_08/88620) Acesso em: 20 mai. 2025. ABREU, Alzira Alves (Dir.). Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro. <sup>xiii</sup> MÁS, Daniel. **Correio da Manhã**, Rio de Disponível Janeiro, 18/03/1970, p. 6. Disponível em: <https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/fernando-gasparianhttps://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/fernando-gasparian> Acesso <sup>xiv</sup> CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL. Fernando Gasparian (verbete). In: ABREU, Alzira em: 02 set. 2025.
- <sup>vii</sup> Entrevista da autora com Marcus Alves (Dir.). Dicionário Histórico-

2014).

Biográfico Brasileiro. Disponível em: [https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/fernando-gasparian](https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/fernando-gasparianhttps://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/fernando-gasparian) Acesso em: 02 set. 2025.

<sup>xv</sup> Entrevista da autora com Marcus Gasparian em 30 de setembro de 2024.

<sup>xvi</sup> GASPARIAN, Marcus. Entre o mar e a estante. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 25 jul. 1998, ed. 108, p. 2. Disponível em: [http://memoria.bn.gov.br/DocReader/030015\\_11/251949](http://memoria.bn.gov.br/DocReader/030015_11/251949) Acesso em: 02 set. 2025.

<sup>xvii</sup> CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL. Opinião (verbete). In: ABREU, Alzira Alves (Dir.). Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro. Disponível em: [https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/fernando-gasparian](https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/fernando-gasparianhttps://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/fernando-gasparian) Acesso em: 02 set. 2025.

<sup>xviii</sup> Não se conecta a sua vida profissional, mas dá boa indicação de uma visão de Brasil por parte de Fernando Gasparian pontuar que em 1975 ele adquiriu em um leilão a coleção completa do jornal *Correio da Manhã* que existiu de 1901 a 1974, bem como seu arquivo iconográfico e arquivo de textos. O arquivo iconográfico composto de mais de um milhão de reproduções em papel, cerca de 500 mil negativos fotográficos e 21 mil charges e ilustrações foi doada ao Arquivo Nacional em 1982 (Rainho,

<sup>xix</sup> Na mesma época foi inaugurada a Livraria Taurus, na Avenida Ataulfo de Paiva, 1321, cuja sócia principal era Irene Silveira Serejo. O foco da livraria era em livros nacionais e importados visando atingir estrangeiros que viviam na vizinhança e estudantes da PUC-Rio.

<sup>xx</sup> Coluna Livros & Autores, **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 27 out 1979, ed. 0202, p. 10. Disponível em [http://memoria.bn.gov.br/DocReader/030015\\_09/167055](http://memoria.bn.gov.br/DocReader/030015_09/167055) Acesso em: 02 set. 2025.

<sup>xxi</sup> FUNDAÇÃO TIDE SETUBAL. Escute as Mais Velhas: episódio 8 – Branca Moreira Alves. 1 episódio do podcast “Escute as Mais Velhas”. **Rádio Novelo**; apresentado por Maria Alice Setubal e Sueli Carneiro; entrev. Branca Moreira Alves. Disponível em: <https://fundacaotidesetubal.org.br/podcast-escute-as-mais-velhas/> Acesso em: 25 mai. 2025.

<sup>xxii</sup> Vale ressaltar que na mesma esteira, em São Paulo, a psicóloga Marta Suplicy (formada pela USP) emergia como voz central do movimento, fundando o Centro da Mulher Brasileira (1975) e editando o influente jornal "Nós Mulheres" – espaços cruciais para a discussão de sexualidade, saúde reprodutiva e violência doméstica. Esse circuito acadêmico e ativista, que reuniu Dalva a pesquisadoras como Jacqueline e Marta, foi fundamental para a articulação política do feminismo brasileiro. As redes formadas nesses espaços alimentaram o movimento que, nos anos 1980, ganhou força institucional, culminando na Constituinte de 1988. Líderes como Branca Moreira Alves tornaram-se peças-

- 
- chave no Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM, criado em 1985), enquanto Marta Suplicy, eleita deputada federal constituinte (1986), integrou ativamente a Bancada do Batom – o grupo de 26 deputadas que, assessoradas pelo CNDM e pelo movimento organizado, assegurou avanços históricos como a igualdade jurídica plena entre homens e mulheres (Art. 5º, I), direitos trabalhistas específicos (licença-maternidade, proteção à gestante), a previsão de ação estatal contra a violência doméstica (Art. 226, § 8º) e a criminalização do racismo.
- <sup>xxvii</sup> MARTINS, Ana Cecília. A mulher que fez da Argumento um ‘point’. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 30 jun. 2003, ed. 00083, p. B3. Disponível em: [http://memoria.bn.gov.br/DocReader/030015\\_12/101338](http://memoria.bn.gov.br/DocReader/030015_12/101338) Acesso em: 25 mai. 2025.
- <sup>xxviii</sup> Cicero Sandroni. Vinte anos de vigilância. **Jornal do Brasil**, 10 out 1981, ed. 00185, p. 12. Disponível em: [http://memoria.bn.gov.br/DocReader/030015\\_10/41546](http://memoria.bn.gov.br/DocReader/030015_10/41546) Acesso em: 20 mai. 2025.
- <sup>xxix</sup> Zózimo. Roda-viva. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 18 mai. 1982, ed. 00335, p. 3. Disponível em: [http://memoria.bn.gov.br/DocReader/030015\\_10/66389](http://memoria.bn.gov.br/DocReader/030015_10/66389) Acesso em: 25 mai. 2025;
- <sup>xxx</sup> BONFIM, Beatriz. Graciliano visto por Clara Ramos. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 05 jan. 1980, ed. 00270, p. 9; Disponível em: [http://memoria.bn.gov.br/DocReader/030015\\_10/42087](http://memoria.bn.gov.br/DocReader/030015_10/42087) Acesso em: 20 mai. 2025. Coluna Livros & Autores, **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 13 mar. 1980, ed. 00343C, p. 8. Disponível em: [http://memoria.bn.gov.br/DocReader/030015\\_10/54329](http://memoria.bn.gov.br/DocReader/030015_10/54329) Acesso em: 20 mai. 2025.
- <sup>xxxi</sup> MONTEIRO, Ivan. Movimento. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, 11 abr. 1981, ed. 00262, p. 14. Disponível em: [http://memoria.bn.gov.br/DocReader/030015\\_10/23951](http://memoria.bn.gov.br/DocReader/030015_10/23951) Acesso em: 20 mai. 2025.
- <sup>xxxii</sup> Coluna Livros & Autores, **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 26 mar. 1981, ed. 00045, p. 8. Disponível em: [http://memoria.bn.gov.br/DocReader/030015\\_10/71599](http://memoria.bn.gov.br/DocReader/030015_10/71599) Acesso em: 20 mai. 2025;
- <sup>xxxiii</sup> Alberto Bettelmüller. “Viver e escrever”. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 28 mar. 1981, ed. 350A p. 9. Disponível em: [http://memoria.bn.gov.br/DocReader/030015\\_10/29580](http://memoria.bn.gov.br/DocReader/030015_10/29580) Acesso em: 20 mai. 2025;
- <sup>xxxiv</sup> Coluna Informe JB. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 05 abr. 1981, ed. 00256, p. 6. Disponível em: [http://memoria.bn.gov.br/DocReader/030015\\_10/23570](http://memoria.bn.gov.br/DocReader/030015_10/23570) Acesso em: 20 mai. 2025.
- <sup>xxxv</sup> Cicero Sandroni. Vinte anos de vigilância. **Jornal do Brasil**, 10 out 1981, ed. 00185, p. 12. Disponível em: [http://memoria.bn.gov.br/DocReader/030015\\_10/41546](http://memoria.bn.gov.br/DocReader/030015_10/41546) Acesso em: 20 mai. 2025.
- <sup>xxxvi</sup> Zózimo. Roda-viva. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 18 mai. 1982, ed. 00335, p. 3. Disponível em: [http://memoria.bn.gov.br/DocReader/030015\\_10/66389](http://memoria.bn.gov.br/DocReader/030015_10/66389) Acesso em: 25 mai. 2025;
- <sup>xxxvii</sup> Coluna Informe JB. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 08 jun. 1982, ed. 0061, p. 6. Disponível em: [http://memoria.bn.gov.br/DocReader/030015\\_10/72873](http://memoria.bn.gov.br/DocReader/030015_10/72873) Acesso em: 20 mai. 2025.
- <sup>xxxviii</sup> Entrevista da autora com Marcus Gasparian em 30 de setembro de 2024.
- <sup>xxxix</sup> Coluna Jornal Confidencial. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, 28 ago. 1984, ed. 00273, p. 5. Disponível em: [http://memoria.bn.gov.br/DocReader/364568\\_17/39882](http://memoria.bn.gov.br/DocReader/364568_17/39882) Acesso em: 25 mai. 2025.
- <sup>xxxx</sup> PONTES, Mario. Informe. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, 28 ago. 1984, ed. 00273, p. 5. Disponível em: [http://memoria.bn.gov.br/DocReader/364568\\_17/39882](http://memoria.bn.gov.br/DocReader/364568_17/39882) Acesso em: 25 mai. 2025.

- 
- <sup>xxxvii</sup> CÔRTES, Gilberto Menezes. Comércio e direitos humanos. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 08 dez 1999, ED. 0244, p. 16. Disponível em: [http://memoria.bn.gov.br/DocReader/00114\\_0015\\_11/118208](http://memoria.bn.gov.br/DocReader/00114_0015_11/118208) Acesso em: 25 mai. 2025.
- <sup>xxxviii</sup> PONTES, Mario. Informe. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 28 jun. 1996, ed. 00081, p. 3. Disponível em: [http://memoria.bn.gov.br/DocReader/030015\\_11/185403](http://memoria.bn.gov.br/DocReader/030015_11/185403) Acesso em: 25 mai. 2025.
- <sup>xxxix</sup> O melhor presente. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 20 out. 1996, ed. 00195, p. 3. Disponível em: [http://memoria.bn.gov.br/DocReader/030015\\_11/196275](http://memoria.bn.gov.br/DocReader/030015_11/196275) Acesso em: 25 mai. 2025.
- <sup>xxxi</sup> CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL. Fernando Gasparian (verbete). In: ABREU, Alzira Alves (Dir.). **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro**. Disponível em: <https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/fernando-gasparian> Acesso em: 02 set. 2025.
- <sup>xli</sup> Tancredo Neves, José Aparecido de Oliveira, Moreira Franco, Aécio Neves, Mário Covas e outros durante jantar na residência de Fernando Gasparian por ocasião da campanha presidencial (TN foto 0785). **Acervo CPDOC/Fundação Getúlio Vargas**.
- <sup>xlii</sup> LEÃO, Danuza. Parabéns. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 16 mar 2001, Caderno B, ed. 00081, p. 3. Disponível em: [http://memoria.bn.gov.br/DocReader/0015\\_12/44590](http://memoria.bn.gov.br/DocReader/0015_12/44590) Acesso em: 25 mai. 2025.
- <sup>xliii</sup> GLOBO. Bastidores. **Memória Globo: Laços de Família**. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/entret>

- 
- enimento/novelas/lacos-de-familia/noticia/bastidores.ghtml#ancor\_a\_2 Acesso em: 20 mai. 2025.
- xliii GILARD, Vitor; WOLFF, Eduardo; NUNES, Samyta. Confira as 10 novelas brasileiras mais exportadas e os países que mais compram. **Gshow, Podcast Novela das 9**, Rio de Janeiro, 14 dez. 2021. Disponível em: <https://gshow.globo.com/podcast/novela-das-9/noticia/confira-as-10-novelas-brasileiras-mais-exportadas-e-os-paises-que-mais-compram.ghtml> Acesso em: 20 mai. 2025.
- xliv GLOBO. Manoel Carlos. **Memória Globo**, 29 out. 2021. Atualizado em 14 mar. 2024. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/manoel-carlos/noticia/manoel-carlos.ghtml> Acesso em: 20 mai. 2025.
- xlv GLOBO. Especial Manoel Carlos, **Memória Globo**, 13 mar. 2023. Atualizado em 14 mar. 2024. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/manoel-carlos/noticia/especial-manoel-carlos.ghtml> Acesso em: 25 mai. 2025.
- xlvi Jornal do Brasil. Rubens Paiva, **Informe JB**, Rio de Janeiro, 12 dez 1982, ed. 00248, p. 6. Disponível em: [http://memoria.bn.gov.br/DocReader/030015\\_10/86111](http://memoria.bn.gov.br/DocReader/030015_10/86111) Acesso em: 25 mai. 2025.
- xlvii PINTO, Flávio. 'Ainda estou aqui': todos os prêmios que o filme já ganhou até agora. **CNN Brasil**, 25 de novembro de 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/ainda-estou-aqui-todos-os-premios-que-o-filme-ja-ganhou-ate-agora/> Acesso em: 03 set. 2025.